

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS



Caio Júlio Prado Liguori

Orientadora: Profa. Dra. Meliza Goi Roscani

São Carlos– SP

2020

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Graduação em 2020, ao Departamento de Medicina da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de bacharel em medicina.

Dedicatória:

Aos meus pais, que acreditaram em mim e propiciaram todo o necessário para
enfrentar essa empreitada.

À minha irmã, que mesmo longe, sempre me apoiou.

À Laura, que me deu forças nos momentos mais difíceis e nunca me deixou
desistir.

Aos meus professores e preceptores que me instigaram a ser um profissional
melhor.

Aos meus amigos, que deixaram essa caminhada muito mais leve.

E a todos os pacientes que me ensinaram e me deixaram participar de seu
cuidado.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza!”

João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas

Sumário:

1. Introdução.....	6
2. Síntese reflexiva sobre a medicina e a UFSCar.....	7
3. Primeiro ciclo.....	8
4. Segundo ciclo.....	10
5. Terceiro ciclo.....	11
6. Conclusão.....	13
7. Resumo das atividades extracurriculares.....	14

1. Introdução:

No último ano do curso de medicina da Universidade Federal de São Carlos é solicitado aos alunos que relatem sua trajetória no curso, incluindo as bases da UFSCar, que é assistência, ensino e pesquisa, e como estas influenciaram em seu aprendizado. Neste trabalho farei o relato de maneira cronológica e dividida em três ciclos.

2. Síntese reflexiva sobre a medicina e a UFSCar:

Minha história com a medicina não se iniciou na infância, meus pais não são médicos, não tenho parentes e nem conhecidos médicos que me estimularam a fazer medicina. Essa história começou no final do terceiro colegial, ainda na minha cidade de origem, Marília - SP.

Próximo às inscrições dos vestibulares eu ainda não sabia qual carreira gostaria de seguir, pensei em diversas possibilidades, historiador, advogado, biólogo ou biomédico. No final minha única certeza era que me interessava pela área de biológicas. Conversei com os pais de um amigo, que eram biólogos, formados pela UNICAMP, e me contaram que a parte que mais me interessava, que era a parte prática, era apenas uma pequena parcela do curso, chegaram a me dizer “vi mais matrizes e equações do que bichos durante a faculdade”. Este mesmo amigo sabia que iria prestar medicina e após muito tempo de conversa percebi que era uma opção interessante.

Foram longos cinco anos de cursinho, três em Marília e dois em Ribeirão Preto. Acredito que a razão pra todo esse tempo se deve à maturidade, nos 3 primeiros anos não estudei o quanto deveria, parecia ser uma continuação do colegial. Após o terceiro ano de cursinho a ficha caiu e percebi que tinha que mudar de postura, deixar de ser um aluno mediano, ou então não alcançaria meu objetivo.

Após muita pesquisa e indicação de amigos, resolvi ir para o COC, em Ribeirão Preto. Com certeza esses dois anos foram os mais importantes, tanto para crescimento intelectual, como para crescimento como indivíduo. Ao mesmo que estudei mais do que já havia estudado até esse momento, aprendi que existia prazer em estudar e adquirir conhecimento. Foi lá que uma professora nos contou sobre esse trecho de o Grande Sertão: Veredas, “o que a vida quer da gente é coragem”, que me manteve forte e me ajudou a passar pelos momentos mais difíceis. Levo essa frase comigo o tempo todo.

3. Primeiro ciclo:

Acho que nunca me senti mais aliviado e realizado do que quando fui aprovado na UFSCar, aliviado por saber que não precisaria rever todas as matérias do vestibular mais uma vez e que poderia cursar o curso que escolhi, isso foi a melhor sensação de todas. Ao mesmo tempo não sabia o que esperar do curso de medicina.

Lembro-me de que quando comecei a prestar as provas de vestibular pensei “preciso passar em algum lugar com ensino tradicional”, pensava que nunca teria disciplina e a organização para estudar com uma metodologia diferente. Engraçado como a vida nos prega peças, acabei exatamente em uma escola que era o oposto do que esperava.

Saí de um ensino totalmente tradicional do meu colégio e dos anos de cursinho, nos quais os conteúdos eram entregues aos alunos de uma maneira muito mais “palatável”, pra um método ativo de ensino, e por mais que eu já tivesse uma ideia de como funcionava, por conta da Faculdade de Medicina de Marília (FAMEMA) na minha cidade, a prática é muito diferente da teoria. Os dois primeiros anos são os que apresentam os maiores desafios e adaptações quando comparados aos outros. Na Situação Problema (SP) entrei em contato com assuntos muito mais complexos, que nunca tinha visto antes, tinha que planejar quanto tempo utilizaria para cada tema e na hora da Nova Síntese utilizar seu conhecimento e ser crítico com o que estava ouvindo. Por sorte, minha primeira facilitadora, por mais exigente que fosse, nos auxiliou muito nesse processo, nos ensinou a questionar nas informações que lia e ouvia, devido esses “puxões de orelha” me tornei muito mais crítico.

Na Estação de Simulação (ES), principalmente no segundo ano, pudemos aprender a como nos relacionar com os mais diversos pacientes, escrevemos nossas primeiras histórias clínicas e aprendemos a realizar o exame físico completo, um marco muito importante pro aluno de medicina. Nas simulações também tivemos nossos primeiros desafios e crises ao lidar com pacientes, como não saber responder perguntas, fazer perguntas erradas, perguntar sobre assuntos íntimos, que muitas vezes são tabus na nossa sociedade. Ao mesmo

tempo que ficava muito ansioso, era recompensador ver que tínhamos ido bem no final da simulação.

Eram muitas mudanças na SP e na ES, mas o que mais me marcou foi conhecer os pacientes da Prática Profissional (PP) e fazer parte de seu cuidado. Nesses primeiros anos conheci dois pacientes que me acompanharam até o quarto ano, Dona M.A. e Seu M.. Pacientes de duas famílias bastante diferentes, mas que me acolheram com o maior carinho e paciência, não consigo me lembrar de quantas vezes disse que iria pesquisar algum assunto para poder sanar suas dúvidas. Era incrível, e meio louco, perceber como depositavam confiança em mim, mesmo eu sendo apenas primeiro-anista.

Esse primeiro contato com a “vida real”, com os problemas sociais e econômicos, com as limitações do sistema de saúde, com as felicidades, tristezas e traumas dos pacientes, me chocaram. Um grande exemplo disso era a Dona M.A., que quando foi escolhida para que acompanhasse, havia sofrido ao menos 15 quedas, chegando a passar dias inteiros deitada no chão de sua casa esperando que sua filha chegasse, já que não conseguia se levantar sozinha. Isso acontecia porque há muitos anos tinha sofrido um AVE, devido um acontecimento muito importante no seu passado, que deixou diversas sequelas, além disso, sua aposentadoria não era suficiente pra sanar todas suas necessidades e sua filha tinha que trabalhar fora ficando todos dias muito só. Tentei as mais diversas abordagens pra tentar fazer com que Dona M.A. tomasse mais cuidado e diminuísse os riscos de queda. Foi a primeira vez que pude me empenhar nos cuidados de um paciente e que uma equipe de saúde me viu como agente importante de cuidado.

Ao mesmo tempo que todas essas mudanças foram desafiadoras, percebi que a maneira que aprendemos aqui na UFSCar foi importantíssima pro meu sucesso. No final desse primeiro ciclo cheguei à conclusão de que a metodologia ativa foi central na aquisição de conhecimento e agora penso que não gostaria de ter passado em uma escola com metodologia tradicional.

4. Segundo ciclo:

Um ponto muito marcante do início do segundo ciclo são os atendimentos da nas Unidades Básicas de Saúde (UBS). Realizamos atendimentos da Saúde da Criança (SCr), Saúde da Mulher (SMu) e Saúde do Adulto e Idoso (SAI), além de poder atender e acompanhar casos mais complexos na Saúde da Família e Comunidade (SFC). Como todo ciclo apresenta suas dificuldades, neste é a cobrança para que seja mais organizado nos atendimentos, até porque suas anotações fazem parte do prontuário do paciente, que sejam mais rápidos. Mesmo sabendo de todas essas dificuldades pelos colegas de outros anos, me senti muito animado com essas mudanças.

Acredito que a minha maior dificuldade e também maior ansiedade nesse período era na SCr. Antes do terceiro ano tinha atendido poucas crianças, e menos ainda crianças menores, tinha muita dificuldade no exame físico, parecia que todo movimento que eu fosse fazer machucaria o paciente. Era tanto receio que até combinei com a minha dupla de prática pra que ela fosse a primeira a atender, assim eu teria mais tempo de estudar o exame físico pediátrico e me sentisse mais confiante.

Minha afinidade com a clínica médica também teve início nesse período, na SAI. Tive a grande sorte de ter um preceptor muito atencioso, que organizou muito bem nossas discussões e temas, a fim de alcançar a maior parte de assuntos comuns na atenção básica. Todo esse conjunto fez com que me sentisse muito empolgado com os estudos e atendimentos. Também tive a oportunidade de iniciar estudos de farmacologia, tivemos casos de interações medicamentosas que foram o disparador para esse assunto.

Eu já havia feito minha primeira eletiva em clínica médica, mas ainda estava no segundo ano, não tinha nem terminado de ver todo o exame físico, estávamos iniciando a discussão de casos com patologias na SP, mas dessa vez foi muito diferente. Esse estágio aconteceu no Hospital das Clínicas de Botucatu, tive a oportunidade de fazer um estágio onde diversos professores e preceptores haviam estudado, e também ter discussões e aulas com os professores deles, foi umas das minhas melhores eletivas.

Tivemos que passar por adaptações bem difíceis, como ter que estudar um volume de temas muito maior que no ano anterior, antes tínhamos quase uma semana para nos preparar, já nesse período as discussões podiam acontecer quase que diariamente. O mesmo valia para a ES, temas muito maiores, e em menos tempo. Foi um período que tive dificuldade em equilibrar minhas atividades, acabei abrindo mão da academia, de sair com os amigos e acabei gastando mais tempo descansando. Além de mim, acredito que muitas pessoas da turma tiveram que fazer essas escolhas.

Ao mesmo tempo que foram dois anos mais difíceis até esse momento, foi muito recompensador ver como nossas histórias clínicas, conhecimento de patologias e medicamentos, como nossas habilidades técnicas tinham evoluído.

5. Terceiro ciclo

Todo início de ciclo representou um novo desafio, novas complexidades e exigências. No primeiro toda inexperiência com a medicina e no segundo o início dos atendimentos na prática. No terceiro ciclo há a cobrança dos professores, porém, há um senso de responsabilidade que está sempre presente. Falo isso porque por mais que tenhamos professores e preceptores por perto, é impossível não se sentir responsável pelo paciente que está acompanhando, independentemente da especialidade. Nos culpamos quando não lembramos de questionar algo importante da história, anotamos alguma informação equivocada ou quando deixamos passar alguma coisa no exame físico. Por mais que ainda não estejamos formados, nós mesmos e os outros esperam que não cometamos deslizes.

Com o passar dos estágios fui experienciando e sentindo na pele as dificuldades de cada uma das especialidades. Foi um período que consolidou pensamentos que eu tinha sobre qual especialidades gostaria de seguir após a formatura, foi nesse momento que percebi que não gostava nem um pouco de cirurgia, não conseguia me empolgar tanto com os assuntos discutidos e nem com as atividades práticas, mas, ao mesmo tempo, percebi que o que mais me interessava era a clínica médica. Diferentemente da cirurgia, na clínica médica me sinto muito mais a vontade com as discussões de casos, com a rotina, com os tipos de casos que aparecem na enfermaria e no pronto atendimento.

No estágio de clínica médica tive contato com professores, preceptores e também profissionais da saúde de outras áreas excepcionais, confiavam em nós e nos tratavam como integrantes daquela equipe. Acredito que toda essa experiência me fez querer ainda mais continuar nessa especialidade.

O internato causa uma confusão de sentimentos e sensações, são muitos temas pra estudo, apresentações de casos, horas de sono, tempo com os amigos e com a família, atividade física, descanso e muitas outras tarefas, sendo que temos que achar o equilíbrio de tudo isso. Há momentos de grande alegria, quando recebemos um elogio por nossa conduta, quando percebemos nosso desenvolvimento, e momentos de desespero, principalmente quando pensamos que estamos para sair do curso e não sabemos se vamos dar conta.

Acredito que a coisa mais gostosa do terceiro ciclo é ver o quanto progredimos, é o momento que absorvemos mais conhecimento, e isso acontece em apenas 2 anos.

Por mais que a pandemia tenha atrapalhado o ano letivo, tivemos que nos adaptar e mesmo postergar o internato, também foi um momento de grande felicidade. Pude ver o quanto meus professores, mas em especial duas professoras, se empenharam para que pudéssemos continuar com as atividades de maneira segura. Como um integrante do grupo de risco não pude fazer parte do programa Brasil Conta Comigo, contudo, essas professoras ficaram em contato muito próximo, tomaram a frente das discussões tanto no departamento como em outras instâncias da UFSCar. Só tenho a agradecer por todo esforço e por prezarem pela minha saúde.

6. Conclusão:

Por meio dessa narração tentei expressar como foi viver a medicina UFSCar nesses seis anos de curso. Foi um caminho difícil, mas cheio de aprendizado e lições que vamos levar junto de nós. Conhecemos novas pessoas e reencontramos amigos.

Que eu seja merecedor de possuir o título de bacharel em medicina e que possa ser um ótimo profissional.

Nesse ano, que se encaminha para o fim da graduação, me sinto orgulhoso do quanto evoluí e superei dificuldades. Sou muito grato aos meus professores e amigos que tanto me ensinaram tanto durante essa caminhada.

Que a vida continue exigindo coragem de nós.

8. Resumo das atividades extracurriculares

Eletivas:

- Estágio em clínica médica e patologia no Hospital Guilherme Álvaro (2016)
- Estágio em clínica médica e patologia clínica no Hospital das Clínicas de Botucatu – UNESP (2017)
- Estágio em pediatria no Hospital das Clínicas de Botucatu – UNESP - e cirurgia geral no Hospital Estadual de Bauru (2018)
- Estágio em anestesiologia e cuidados intensivos na Santa Casa de Misericórdia de São Carlos e clínica médica no Hospital Universitário de São Carlos (2019)
- Estágio em geriatria e infectologia no Hospital das Clínicas de Botucatu – UNESP (2020)

Pesquisa:

- Integrante da pesquisa “A Unidade Educacional de Prática Profissional na Atenção Primária à Saúde no Curso de Medicina da UFSCar: diálogos sobre os aprendizados construídos” do Prof. Willian Fernandes Luna de 2016 a 2018.
- Integrante da pesquisa “Avaliação dos resultados de uroculturas de crianças e adolescentes com suspeitas de infecção do trato urinário” da Profa. Dra. Amélia Arcângela Teixeira Trindade de 2018 a 2020.
- Integrante da pesquisa “Desenho das condições para realização de PCR dos Genes: SCL12A1, KCNJ1, BSND, CLCNKA, CLCNKB e LMX1B” da Profa. Dra. Amélia Arcângela Teixeira Trindade de 2018 a 2019.

Outros:

- Coordenador científico do Centro Acadêmico Sérgio Arouca da Medicina UFSCar em 2016 e 2017.
- Integrante da Liga de Neurologia da UFSCar (LINEU) e da Liga de Urgências Traumáticas e Clínicas da UFSCar (LUTCU) em 2018.